

ENTREVISTA / SYLVIA LE FANU, CINEASTA

'Tragédias podem acontecer nos dias mais bonitos de verão'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Inglesa radicada em Copenhague, Sylvia Le Fanu enxerga no esplendor da natureza, sobretudo a que encontra nas regiões campestres da Escandinávia, uma equivalência espiritual à ideia cristã de Deus tão comum ao povo espanhol, que se tornou a mais apaixonada audiência para o longa-metragem que faz dessa artista britânica o nome de mais impacto da mostra New Directors do Festival de San Sebastián de 2024. "My Eternal Summer" ("Min Evige Sommer") é uma produção dinamarquesa de baixo orçamento, rodada na ilha chamada Langeland, cuja trama fala de finitude. Grávida, Sylvia fala de morte com emoção. "Falar de partidas em terras escandinavas sempre nos leva a Ingmar Bergman", diz a cineasta, em entrevista ao Correio da Manhã.

Em seu roteiro, a adolescente Fanny (Kaya Toft), de 15 anos, ganha uma chance rara de poder se reaproximar de sua mãe, cometida por uma doença terminal, entre mergulhos caminhadas. Esse contato, que poderia ser um calvário para a jovem, rende situações tocantes (repletas de leveza) nas telas. San Sebastián vem aplaudindo Sylvia sessão após sessão. No papo a seguir, ela explica seu olhar sobre a maternidade.

Rodrigo Fonseca: Para um filme eivado despedidas, de perdas, as cores de sua fotografia carregam uma força vívida, sur-

preendendo olhar. Como foi a construção de olhar de "My Eternal Summer"?

Sylvia Le Fanu: A única verdade que sabemos da vida é que tragédias podem acontecer nos dias mais bonitos de verão. Partindo-se dessa certeza, precisava encontrar um contraste da mortalidade com a resiliência. Nas cores, eu encontrei o balanço para um filme leve.

RF: Qual era a perspectiva sobre a solidão que você buscava?

SLF: Às portas da morte, alguém até pode segurar a sua mão e atenuar o processo de partida, mas o desencarnar em si é uma experiência que se faz só. Ninguém sabe o que se passa na cabeça de quem perece. Por conta disso, solidão era uma palavra recorrente em nosso set, ainda que seja um filme de muito silêncio.

RF: Durante a exibição de "My Eternal Summer" em San Sebastián, a crítica e o público citava muito o legado do mítico Eric Rohmer, diretor francês eternizado por "O Raio Verde" e "O Joelho de Claire". O que há de Rohmer na sua mirada?

SLF: Conheci Rohmer por meio dos filmes de uma diretora francesa, Mia Hansen-Love. Na obra dela eu conheci Rohmer e Maurice Pialat, diretores que me provaram uma possibilidade antes considerada inusitada: a hipótese de se fazer um filme na simplicidade absoluta, apenas com pessoas sentadas, falando sobre suas vidas. Aprendi aí a valorizar a força cinematográfica da palavra.



Iglesias Más

Donostia em tempo de Almodóvar

Pedro Almodóvar com Julianne Moore e Tilda Swinton na filmagem de O Quarto Ao Lado

Depois de ser confiado a Javier Bardem e a Cate Blanchett (que citou Clarice Lispector em sua homenagem), o troféu Donostia, prêmio honorário do Festival de San Sebastián, batizado com o nome em basco da cidade, hoje será confiado a um medalhão ibérico da arte de rodar filmes: Pedro Almodóvar. De quebra o diretor de "Volver" (2006) vai exibir por lá "O Quarto Ao Lado" ("The Room Next Door"), seu primei-

ro longa em língua inglesa, contemplado com o Leão de Ouro de Veneza no dia 7 de setembro. Já assegurado pelo Festival do Rio 2024 (agendado de 3 a 13 de outubro), esse melodrama contra com os talentos de Tilda Swinton e Julianne Moore. Trata-se de uma narrativa sobre amigas que se reencontram num cenário de eutanásia. A trama fala de Ingrid (Tilda) e Marta (Julianne), que eram íntimas em sua juventude.

Trabalharam juntas na mesma revista, mas Ingrid se tornou uma romancista de autoficção, enquanto Marta se tornou repórter de guerra, e elas foram separadas pelas circunstâncias da vida. Depois de anos sem contato, elas se reencontram em uma situação extrema, onde tudo em suas rotinas há de mudar. Já se fala em Oscar para Almodóvar e suas estrelas. "É meu primeiro filme em inglês, mas o espírito é espanhol", disse Almodóvar, clamando pelo direito à liberdade em relação à escolha de pessoas que optam por morte assistida. (R.F.)